

Ulisses, a dezoito vozes

Henrique Piccinato Xavier¹

Resumo: Com o objetivo de celebrar o centenário de publicação de *Ulisses* em 2022, o projeto “Ulisses, a dezoito vozes” selecionou dezoito autores-tradutores espalhados por dez diferentes estados do Brasil, sendo um autor-tradutor para cada um dos dezoito episódios do romance. A ideia principal do projeto se vale do fato de que já existem três traduções brasileiras e duas portuguesas “oficiais” da obra, cada uma delas com um único tradutor; porém, nós, na contra mão, apostamos em um coletivo de autores-tradutores os quais são convidados para trazer suas dicções, engenhos e idiosincrasias para a criação de uma versão realmente autoral, criativa e polifônica do romance; e, desta maneira, em muito, nos aproximamos do desejo de multiplicidade que inelutavelmente marca a realização original de Joyce em *Ulisses*. Esse texto busca apresentar o projeto “Ulisses, a dezoito vozes” e, também, a justificativa da escolha de quatro de seus tradutores: Aurora Bernardini, Dirce Waltrick do Amarante, Donaldo Schüller e Luci Collin.

Palavras-chave: centenário de *Ulisses*; *Ulisses, a dezoito vozes*; versões em português de *Ulisses*; tradução coletiva polifônica; James Joyce

I. Nota preliminar: Metem psi o quê?

– Metem psi o quê? – disse ele.
– Aqui – disse ela. – O que isso quer dizer?
Ele se inclinou para baixo e leu perto do polegar coberto de esmalte.
– Metempsicose?
– Sim. Quem é ele quando está em casa?
– Metempsicose – disse ele, franzindo as sobrancelhas. – É grego: do grego. Isso significa a transmigração das almas.
– Ó, droga! – disse ela. – Fale com palavras comuns.

Na mesa que no *II Workshop in Progress* do grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil abordou a nova tradução coletiva de *Ulisses*, a ser lançada em 2022, no centenário do romance, tendo em mente uma das palavras mais importantes do livro, *metempsicose*², ou seja, a transmigração das almas, levantamos a indagação (não mística, mas

¹ Henrique Piccinato Xavier dedica-se a projetos, principalmente, na interface e mistura entre filosofia, artes visuais, literatura e política. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre as obras de Marilena Chaui, James Joyce e Carlos Fajardo, estando em fase de finalização de livros sobre as três respectivas obras. Dirige a “coleção rolarruana” que publicará escritos de e sobre James Joyce na Ateliê Editorial. É professor e também atua com curadoria.

² Μετεμψύχωσις - *metempsicose*, do grego, significa a transmigração das almas. Pitágoras recordava suas vidas passadas, tendo sido tanto o celebre herói troiano Euphorbus, como a ainda mais célebre e infinitamente mais bela prostituta Alco (em *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes de Laércio). Homero com menos sorte tem a fama de ter sido um pavão (a passagem emplumada é referida por Pêrsio na *Sátira VI*, por Lucrécio em *De rerum natura* e por Horácio na *Epístola II*). Já o ilustríssimo filósofo grego deve a pedra de toque (ou lapidar) das ideias finais de sua *República* à metempsicose relatada por Er em sua viagem ao Hades, o reino dos mortos, por meio da qual o filósofo ilustra como ciclicamente

literária) acerca da possibilidade de um romance possuir “alma” e da dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de a complexíssima e centenária alma literária de *Ulisses* encontrar, hoje, em uma única pessoa, um corpo e uma mente aptos a receberem essa tão complexa e múltipla entidade, ao ponto de ela poder dizer que encontrou a sua alma-gêmea. À mesa, além deste que vos escreve e concebeu o projeto da nova tradução, participaram quatro dos dezoito autores-tradutores da nova versão do romance: Aurora Fornoni Bernardini, Dirce Waltrick do Amarante, Donaldo Schüller e Luci Collin.

A alma, reconhecendo a enorme dificuldade de realizar sua metempsicose e com uma imensa vontade de celebrar seus cem anos, decide como solução dividir-se em dezoito partes para reencarnar em dezoito diferentes corpos e, na impossibilidade de uma, talvez dezoito diferentes almas-gêmeas. Em mais um deslize delirante, falou-se, então, de reencarnações como Molly Bloom Collin ou da especificidade de essa alma escolher o nome de Aurora para dar os seus primeiros novos passos ou, do fato de procurar o autor que foi louco o suficiente para já ter encarnado seu mais noturno, fluvial e insano irmão, ou de como tal alma alegremente decidiu se colar na autora que neste imenso país, talvez, seja quem mais a conhece.

O texto que segue procura contar os primeiros passos dessa centenária metempsicose. Trata-se de duas partes do projeto “*Ulisses, a dezoito vozes*” que foi enviado como carta-convite a autores, artistas e tradutores espalhados por todo o Brasil. Uma parte é a própria explicação do projeto, a outra traz as justificativas para os nomes convidados para cada um dos dezoito episódios do romance (reproduzimos apenas as justificativas dos quatro nomes acima mencionados, não reproduzimos a nossa por julgarmos não ser de

homens e animais (muitas vezes trocando de espécie) voltam a encarnar na face da terra após um período de mil anos no reino do além (*A República*, Livro X, de Platão). O próprio Leopold Bloom, personagem central de *Ulisses*, a preambular pela moderna cidade Dublin, é um grego desmemoriado, não faz ideia de que seja a metempsicose de Odisseu, o antigo rei de Ítaca.

A palavra aparece em *Ulysses* algumas poucas páginas após termos sido apresentados a Leopold Bloom. Um pouco depois das oito da manhã, vemos ele levar o café matinal à sua esposa Molly Bloom, que ainda se encontra deitada na cama. A palavra está em um romance semi-obscuro e popularesco que a senhora Bloom acabara de ler; ela solicita que Leopold encontre o livro, em meio às suas sujas roupas íntimas femininas, para lhe explicar uma palavra que ela havia deixado marcada no livro. Ele encontra o romance caído embaixo da cama justo em cima de uma protuberância de excremento em um pinico decorado com motivos gregos geométricos cuja forma é da época de Homero. Bloom encontra a palavra marcada: *metempsicose*. Ele a explica com as mesmas palavras que usamos na epígrafe - *É grego: do grego. Significa a transmigração das almas*. Ela, sem compreender, reclama em um tom desdenhoso e jocoso para que ele fale novamente em palavras bem simples que qualquer um possa entender.

Temos uma curiosa e fecunda imagem para a interpretação do próprio *Ulisse*: um livro erótico-popularesco com pretensões de termos gregos, palavras caídas sobre excrementos emoldurados por desenhos homéricos, a transmigração da alma grega nas fezes do século XX. Recontar o passado glorioso da Grécia de Homero com palavras carregadas de erotismo e vulgaridades modernos, contar mais uma vez a mesma história, porém de um outro modo, como uma sátira, como uma história ordinária em um jogo de transformações, como um labirinto (im)popular. . .

bom tom neste caso). O texto inédito e originalmente privado – primeiramente foi lido pelos dezoito tradutores que, com muito entusiasmo, toparam participar da nova empreitada joyciana – não vem a ser uma prosa particularmente acadêmica, mas, talvez, ainda seja a melhor maneira de contar aos leitores da revista *Qorpus*³ uma parte da história desse atual trabalho em progresso de tradução-reencarnação de *Ulisses*.

Por fim, em memória a uma das mais fecundas almas joycianas produzidas neste país, o título e a epígrafe da nota preliminar são um excerto da tradução de Bernardina da Silva Pinheiro (1922-2021), parte do espírito literário da autora, transmigrado, viverá sempre em sua belíssima, precisa e fluente versão de *Ulisses*.

II. *Ulisses*, a dezoito vozes

Com o objetivo de celebrar o centenário de publicação de *Ulisses* em 2022, nossa proposta é a de traduzir, ou melhor, de *transcriar* esta obra-prima de James Joyce por meio de dezoito das mais criativas e importantes vozes da literatura, das artes, da tradução e do universo de estudos joycianos do Brasil. Para celebrar dezoito vezes o romance, isto é, cada um de seus dezoito capítulos, buscou-se precisamente selecionar a melhor voz tradutória capaz de” alcançar em português as singularidades da tão radical, inovadora, densa, cômica, erótica e experimental prosa de James Joyce.

Para a realização desta tarefa, a qual não se constitui apenas em uma nova tradução, mas em um evento literário, convidamos tanto reconhecidos escritores e tradutores, como célebres especialistas na obra de Joyce e em literatura irlandesa, formando, assim, um conjunto de autores contemporâneos de distintas gerações, principalmente prosadores e poetas com estilos singulares de escrita; todos apresentando, em comum, uma exímia habilidade na arte da palavra e da tradução. Cabe salientar que selecionamos autores provenientes de dez diferentes estados do Brasil, assim estendendo a celebração a boa parte do território nacional (o projeto, também, conta com duas colaboradoras que residem nos EUA).

A língua portuguesa foi a que mais vezes traduziu de forma integral o romance de Joyce⁴, o que atesta o extraordinário, duradouro e ímpar interesse dessa obra em nossa cultura. A despeito de, inelutavelmente, terem sido enormes realizações, contudo, a nosso ver, nenhuma das versões existentes foi capaz de se aproximar com tamanha inventivida-

³ Agradecemos imensamente os convites da Dirce Waltrick do Amarante e do Vitor Alevato do Amaral para participar no *II Workshop in Progress* e para a consecutiva publicação na revista *Qorpus*.

⁴ Atualmente, existem três versões brasileiras de *Ulisses*: de Antônio Houaiss (1966), Bernardina da Silveira Pinheiro (2005) e Caetano Waldrigues Galindo (2012); e duas portuguesas: João de Palma-Ferreira (1989) e Jorge Vaz de Carvalho (2013).

de ao conteúdo e à expressividade da literatura de Joyce como, almejamos, fará a tradução de *Ulisses, a Dezoito Vozes*, com lançamento planejado para 2022.

A necessidade de uma nova tradução provém da extrema peculiaridade da estrutura estilística e de conteúdo do romance que, capítulo a capítulo, não apenas “transmigra” a *Odisseia* de Homero para a moderna *Odisseia* de um dia na vida de Leopold Bloom (que perambula pela cidade de Dublin), mas também possui uma segunda ambição literária ainda mais inusitada: realizar, por meio de seus dezoito capítulos, uma verdadeira “odisseia de estilos”. Tal qual Proteu, deus marinho grego conhecido por constantemente alterar sua aparência, o romance apresenta uma linguagem fluida e poliforme, a qual se metamorfoseia de capítulo em capítulo a fim de melhor expressar e (des)construir o conteúdo tratado⁵.

Tomemos um exemplo, para recriar o episódio no qual o grego Odisseu precisou contornar o canto das sereias, Joyce propõe para a ventura de um dia de Leopold Bloom um capítulo estruturado musicalmente onde, segundo o autor, temos: *a.* um lugar: uma sala de concerto (no interior de um hotel e ligada a um bar); *b.* um órgão humano: a orelha; *c.* uma cor: não há (pois o capítulo é puramente sonoro); *d.* um símbolo: a garçonete (na qual as sereias são transformadas e que empurra bebidas alcoólicas na sala de concerto); *e.* uma arte: a música e *f.* uma técnica: fuga *per canonem*. Temos claramente uma série de elementos musicais que fazem o canto das sereias transmigrar para elementos estruturantes da narração, e esses literalmente transformam o capítulo em música.

Para recriar em português o capítulo das “Sereias” convidamos Willy Corrêa de Oliveira, um dos mais importantes compositores de música erudita contemporânea brasileira, um artista cujo trabalho não se restringe à linguagem musical, mas também possui forte expressão na escrita verbal, sendo autor de uma série de livros que transitam entre memórias, contos, ensaios teóricos e políticos, além de traduções. Oliveira, um ávido leitor de James Joyce, iniciou seu contato com a obra do autor irlandês na década de 1960, quando pôde acompanhar as primeiras transcrições contemporâneas da produção de Joyce no Brasil, realizadas pelos poetas concretistas Augusto e Haroldo de Campos, de quem era próximo, responsáveis por um marco dos estudos joycianos brasileiros: o livro *Panorama do Finnegans Wake* (1962).

O exemplo das “Sereias” torna claro o procedimento de nosso projeto: trabalhar com um expoente da música brasileira que simultaneamente é um profundo

⁵ A constante mudança de estilos do romance fez T.S. Eliot taxativamente acusar Joyce de ser um grande escritor, mas de “não possuir estilo”; contudo, tal acusação é por nós interpretada de modo diferente, sendo essa ausência, em si mesma, o principal princípio “unificador” do romance. Foi preciso “não possuir estilo”, ou melhor, ultrapassar a tradicional noção de um estilo pessoal para produzir um “metaestilo”, cuja intenção é, através de uma multiplicidade simultânea de estilos literários (e mesmo não literários), reinterpretar Homero e, principalmente, a literatura e a sociedade modernas.

conhecedor de Joyce para traduzir o capítulo musical do romance. Do mesmo modo sempre teremos um autor-tradutor com uma profunda relação com o estilo e conteúdo do referido capítulo traduzido.

A enorme dificuldade na tradução de *Ulisses* decorre, em muito, da presença da singularidade destes múltiplos estilos que se distribuem pelos capítulos do romance. Ainda que um excelente tradutor seja capaz de verter bem um número significativo de capítulos, o seu próprio estilo “pessoal” de tradução dificilmente irá se adequar tão bem aos diversos outros presentes nos demais capítulos, gerando a grande dificuldade da tradução. Por motivo, as traduções existentes, a despeito de serem virtuosas, acabam, em larga medida, por uniformizar a radical multiplicidade, uma das maiores marcas de excelência do romance. Além disso, a grande extensão de uma obra tão complexa, também, promove a extrema dificuldade da tradução de *Ulisses*.

Ambos os problemas estão facilmente resolvidos pelo nosso projeto: em primeiro lugar, a escolha de um tradutor para cada capítulo reduz drasticamente a extensão do trabalho; por exemplo, no caso das “Sereias” são apenas 33 laudas de texto. Em segundo lugar, como cada tradutor irá se dedicar à tradução de um capítulo cujos conteúdo e estilo se adequam ao seu próprio trabalho, assim evitamos o problema da uniformização do romance, muito pelo contrário, a nossa transcrição do livro será extremamente múltipla e polifônica.

Com uma extensão de texto amigável e com um capítulo especialmente escolhido em função da singularidade do tradutor, acreditamos ser possível contornar esses dois sérios problemas da tradução de *Ulisses*, passando da extrema dificuldade a um trabalho tradutório de invenção, engenho e prazer.

Tendo esta lógica em mente, convidamos: o romancista Carlos de Brito Mello, cuja obra tematiza, sobretudo, a morte, para traduzir o capítulo “Hades”, que consiste em um funeral; a escritora, poeta, tradutora e especialista em literatura irlandesa Luci Collin, cuja obra apresenta a subjetividade de inúmeras protagonistas mulheres, para traduzir o capítulo “Penélope”, que consiste no longo fluxo de consciência de Molly Bloom; João Adolfo Hansen, um dos mais importantes críticos literários e especialistas em retórica do Brasil, para traduzir o capítulo “Éolo”, composto a partir de cento e trinta figuras de retórica; Donald Schüller, o transcriador do “delirante” *Finnegans Wake*, para o capítulo “Circe”, que consiste em um complexo delírio; José Roberto O’Shea, tradutor de Joyce, além de um dos mais importantes tradutores da obra de Shakespeare no Brasil, para “Cila e Caríbde”, capítulo que gira em torno de uma longa discussão sobre Hamlet. E, assim por diante, os convites foram realizados sempre a partir uma grande proximidade entre o capítulo e a especialidade do autor convidado.

Como a lista de convidados é extensa, nesta apresentação do projeto, não os mencionaremos caso a caso, isto cabe à segunda parte do projeto, a qual consiste na justificativa detalhada da escolha de cada um dos tradutores em relação ao seu respectivo episódio.

Os dezoito episódios e os nomes dos autores-tradutores:

- 1 – “Telêmaco” -Aurora Bernardini
- 2 – “Nestor” - Dirce Waltrick do Amarante
- 3 – “Proteu” - Julián Fucks
- 4 – “Calipso” - Luisa Geisler
- 5 – “Lotófagos” - Guilherme Gontijo Flores
- 6 – “Hades” - Carlos de Brito Mello
- 7 – “Éolo” - João Adolfo Hansen
- 8 – “Lestrigones”: Alípio Correia de Franca Neto
- 9 – “Cila e Caríbde”: José Roberto O’Shea
- 10 – “Rochedos errantes”: Eclair Antônio Almeida
- 11 – “Sereias”: Willy Corrêa de Oliveira
- 12 – “Ciclope”: Henrique Xavier
- 13 – “Nausícaa”: Antonio Quinet
- 14 – “Gado do Sol”: Élide Valarini Oliver
- 15 – “Circe”: Donaldo Schüller
- 16 – “Eumeu”: Piero Eyben
- 17 – “Ítaca”: Denise Bottmann
- 18 – “Penélope”: Luci Collin

Cabe salientar o fato de uma parte significativa dos convidados provir de núcleos de estudos joyceanos e de literatura e cultura irlandesa espalhados pelo Brasil, núcleos que, em suas regiões, promovem o *Bloomsday*, celebração anual em torno do romance e da literatura de James Joyce e que, certamente, em 2022, estarão pelo território nacional preparando seus eventos e levando também a nossa proposta de “*Ulisses*, a dezoito vozes” junto a suas comemorações do centenário do romance. O lançamento da tradução, também, será um grande evento de celebração, podendo se desdobrar em mais atividades públicas (seminários, palestras, exposições etc.) com a participação de boa parte dos autores-tradutores.

III – Quatro autores-tradutores e seus respectivos episódios

Episódio I: “Telêmaco”

Aurora Fornoni Bernardini (natural de Domodossola, Itália e residente em São Paulo, SP) é tradutora, escritora, ensaísta e professora titular de Literatura e Língua Russa na Universidade de São Paulo (USP). Radicada no Brasil desde os quatorze anos, Bernardini é uma das mais respeitadas tradutoras do país, tendo vertido para o português importantes obras das línguas russa, italiana e inglesa de inúmeros renomados autores, dentre outros: Luigi Pirandello, Isaac Bábel, Umberto Eco, Marina Tsvetáieva, Carlo Emilio Gadda, Marjorie Perloff, Giuseppe Ungaretti, Anton Tchekhov e James Joyce.

Já na direção contrária, ou seja, do português para outras línguas, ela teve o privilégio de traduzir a quatro mãos, em companhia dos próprios autores, o romance *Um copo de Cólera*, de Raduan Nassar, e uma série de poemas de Haroldo de Campos. Com este último, ela também pôde transcriar Giuseppe Ungaretti: *Daquela estrela à outra* (Ateliê editorial, 2003), livro com o qual a dupla recebeu o prêmio Jabuti em 2004. A parceria entre Bernardini e Haroldo de Campos e, também, seu irmão Augusto Campos, é de longa data. Sua tradução de *Ka* (Perspectiva, 1977), de Velimir Khlébnikov, é o quinto volume da Coleção Signos, dirigida pelos irmãos Campos. Coleção histórica que, justamente, foi aberta com *Panorama do Finnegans Wake* (Perspectiva, 1962). Deste mesmo período data a aproximação crítica de Bernardini com a obra de James Joyce. Já em 1967 ela defende uma monografia de especialização sobre *Um retrato do artista quando jovem* na pós-graduação em Literatura Inglesa e Anglo-Americana na USP. Ao longo dos anos, essa aproximação permanece intensa, sendo a autora uma figura central e recorrente na história do Bloomsday no Brasil. Recentemente, ela fez parte do Coletivo Finnegans, organizado por Dirce Waltrick do Amarante, que produziu uma tradução coletiva de *Finnegans Wake* (no prelo).

Bernardini é uma das precursoras de pesquisas (e traduções) no Brasil acerca dos futurismos italiano e russo, tendo levado o rigor formal e a perspectiva criativa presentes nestas artes de vanguarda para o seu trabalho tradutório. Por suas traduções recebeu inúmeros reconhecimentos, dentre eles: o prêmio Jabuti em 2014 com *Os sonhos teus vão acabar contigo*, de Daniil Kharms (finalista, com Daniella Mountian e Moissei Mountian), o prêmio Jabuti em 2007 com *Indícios Flutuantes* de Marina Tsvetáieva, o prêmio Jabuti em 2004 com *Ungaretti: Daquela Estrela à Outra* (com Haroldo de Campos); o prêmio da Agência Federal Russa da Imprensa e Instituto de tradução Literária em 2013 com *Os seus sonhos vão acabar contigo*, de Daniil Kharms; o prêmio APCA (Associação

Paulista de Críticos de Arte) em 2006 com *O exército de cavalaria* de Isaac Babel (em parceria com Homero Freitas de Andrade); o prêmio da Biblioteca Nacional em 2006 com *Indícios Flutuantes*, de Marina Tsvetáieva.

Para abrir a tradução de *Ulisses* convidamos Aurora Bernardini, uma autora veterana e ao mesmo tempo futurista, cuja trajetória se confunde com a história e com a atualidade do que há de mais radical e criativo nos estudos e traduções joycinas no Brasil. Ao mesmo tempo, o convite à autora visa, de forma indireta, a trazer à memória os nomes de Haroldo e Augusto de Campos, reconhecendo, também, o significativo lugar de ambos em nossa proposta de tradução coletiva.

O episódio intitulado “Telêmaco” porta um tipo especial de convite de Joyce à leitura do romance. Referências à *Bíblia* e à *Hamlet*, que se encontram por todo livro, já pontuam o diálogo entre Stephen Dedalus e Buck Mulligan neste primeiro capítulo. Mais ainda, o diálogo apresenta a ideia de que ambos os personagens deveriam literariamente helenizar a ilha da Irlanda, preparando, de maneira implícita, o convite de Joyce para adentrarmos na *metempsychose* do antigo herói homérico para a vida de um sujeito comum em Dublin, estimulando-nos a perceber no livro o encontro e o confronto entre muitas épocas e literaturas. Em “Telêmaco” escutamos o fluxo de consciência de Stephen Dedalus ao acompanhar o sofisticado ritmo poético empregado pelo encadeamento de imagens, lembranças e ideias no pensamento dessa personagem, uma das principais da obra. Cremos que o profundo conhecimento da literatura de Joyce somado ao rigor e à invenção do trabalho tradutório de Aurora Bernardini conduzem à excelência de uma nova transcrição em português deste especial convite para adentarmos em *Ulisses*.

Episódio 2: “Nestor”

Dirce Waltrick do Amarante (natural de e residente em Florianópolis, SC) é tradutora, ensaísta, escritora e professora de Artes Cênicas e de Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Amarante é uma reconhecida estudiosa da obra de Joyce no Brasil, possuindo importante produção teórica, poética e tradutória dedicada à obra do autor irlandês; além de ser organizadora, juntamente com Sérgio Me-deiros, do *Bloomsday* em Florianópolis. Amarante também possui ampla e premiada produção ligada à literatura infantojuvenil, além de traduções das obras de Gertrude Stein, Eugène Ionesco, Edward Lear, dentre outros.

Em relação a Joyce, além de ter escrito os livros de *Para Ler Finnegans Wake* (2009, finalista do prêmio Jabuti), *James Joyce e Seus Tradutores* (2015); ela é responsável pela organização e tradução dos livros *Finnegans Wake (Por um Fio)* (2018, prêmio

da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Abralic), *De Santos e Sábios* (2018), *Cartas a Harriet* (2018) *Cartas a Nora* (2012) (essas três últimas traduções em parceria com Sérgio Medeiros); pela criação de *Minha Pequena Irlanda* (2020) (realizada a partir de textos de Joyce); mais precisamente em relação à literatura infantil, ela traduziu *Os Gatos de Copenhague* (2013) e *O Gato e o Diabo* (2013) (todos livros publicados pela editora Iluminuras). Recentemente, Amarante organizou uma nova tradução, também coletiva, de *Finnegans Wake*, intitulada *Finnegans Rivilta* (no prelo).

O segundo episódio, intitulado “Nestor”, se passa em uma escola infantil, na qual Stephen Dedalus dá aulas a uma turma de pequenos. Havendo nesse episódio, com isso, a significativa presença de diálogos com crianças, optamos pela tradução de Amarante, tanto pelo motivo ligado à temática infantil, como pelo amplo conhecimento da autora da obra de Joyce, que lhe permitem dar conta de outras questões e passagens presentes no decorrer do episódio.

Episódio 15: “Circe”

Donaldo Schüller (natural de Videira, SC; residente em Porto Alegre, RS) é escritor, tradutor e professor emérito de Literatura e Língua Gregas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Schüller possui um número bem extenso de importantes prêmios na área de literatura e cultura; dentre eles, recebeu o Prêmio John Jameson, em 2000, por significativa contribuição à difusão da cultura irlandesa no Brasil. Escreveu livros de ensaios, poesia, contos e romances. É responsável por traduções de importantes textos da Antiguidade grega: uma série de tragédias (de Sófocles, Eurípides e Ésquilo), *O Banquete* de Platão e a *Odisseia* de Homero.

Em relação a James Joyce, é responsável pela criativa, ímpar, rigorosa e delirante tradução de *Finnegans Wake*, lançada em cinco volumes entre 1999 a 2003 pela Ateliê Editorial, que recebeu os prêmios de melhor tradução pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 2003 e Prêmio Jabuti em 2004. Mais recentemente, Schüller lançou pela mesma editora *Joyce Era Louco?* (2018), uma interpretação da obra de Joyce e da subjetividade e possível loucura do autor irlandês, estabelecendo um diálogo com a psicanálise de Jacques Lacan e a poesia de Homero.

Creemos que as experiências ímpares da tradução integral do labiríntico delírio de *Finnegans Wake* e da sua aguda interpretação da loucura em Joyce fazem de Donaldo Schüller o convidado mais que ideal para a tradução de o episódio 15, “Circe”, o mais extenso do um dos mais complexos e extensos do romance, que se desenvolve na forma de

uma gigantesca alucinação durante a noitada de Stephen Dedalus e Leopold Bloom pela zona da luz vermelha de Dublin.

Episódio 18: “Penélope”

Luci Collin (natural de e residente em Curitiba, PR) é poeta, contista, romancista e tradutora. Também é formada em piano e percussão clássica, além de ser professora de Literatura de Língua Inglesa, especialista em Literatura Irlandesa (uma de suas maiores paixões) e professora de Tradução Literária na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Escritora prolífica, ocupa a cadeira 32 na Academia Paranaense de Letras, com mais de vinte e três livros publicados, entre poesia, contos e romances, dentre eles *Querer Falar* (Finalista do Prêmio Oceanos 2015) e *A Palavra Algo* (Prêmio Jabuti 2017). Sua *Antologia Poética 1984-2018* foi publicada pela Ateliê em parceria com a Kotter Editorial. Traduziu Eiléan Ní Chuilleanáin, Gertrude Stein, E. E. Cummings, Gary Snyder, Jerome Rothenberg, poesia indiana de língua inglesa, dentre outros. Na contramão de uma “escrita realista” e de narrativas lineares, Collin se coloca intencionalmente enquanto herdeira do experimentalismo elaborado pela linguagem moderna, que encontra em Joyce um de seus maiores nomes.

A obra em prosa da autora – na qual sempre conserva forte expressão poética e experimental – configura-se por meio da fragmentação, de recortes, sobreposição temporal, exploração de temas não usuais, ironia, colagem, absurdo, manipulação sintática e semântica. Também, marcante em sua escrita vem a ser o entrelaçamento de “ações cotidianas pouco ou não significativas” com um profundo e complexo plano de atividade psíquica capaz de – pelo poder poético da palavra densamente subjetivada e expressivamente trabalhada – transfigurar o cotidiano em estranhamento, literatura e abertura subjetiva. Além disso, de importância singular para o nosso projeto, será a forte presença na obra de Collin da construção e desconstrução do lugar crítico das mulheres enquanto sujeitos de enunciação. Em sua obra, há, sobretudo, protagonistas mulheres que expressam literariamente as contradições do campo a partir do qual, de maneiras diversas, elas se constituem enquanto sujeito, tendo a presença dessa enunciação das mulheres na obra de Collin se tornado tema de uma série de estudos, ensaios e teses sobre feminismo e literatura.

Collin é a convidada para traduzir “Penélope”, o último episódio de *Ulisses*, no qual se apresenta um dos mais célebres monólogos femininos da história da literatura ocidental. Através de oito frases praticamente sem qualquer pontuação que atravessam 57 páginas, naufragamos e submergimos no complexo fluxo de consciência erótico, sábio, associativo, dissociativo e feminista de Molly Bloom. Esse fluxo de consciência foi des-

critico por D.H. Lawrence, na década de 1920, – expressando a voz de uma geração de leitores – como “a coisa mais suja, indecente e obscena jamais escrita”; contudo, o mesmo monólogo é interpretado nas duas décadas do século XXI como expressão de uma mulher sexualmente liberada cujo fluxo de pensamentos seria o estilo de uma linguagem fluida e livremente associativa capaz de criar uma experiência para além do controle de uma razão patriarcal. Nossa proposta é trabalhar com a inteligência e expressividade de uma poeta e romancista experimental, versada em questões das mulheres e de suas subjetividades, para realizar a tradução deste monólogo e, assim, metamorfosear o fluxo de consciência de Molly Bloom, que, vez criado pelo escritor irlandês, será, agora, traduzido, ou melhor, trans-criado por uma escritora brasileira.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A de; CAMPOS, H de; JOYCE, J. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo, Perspectiva, 1986.

ELIOT, T. S. ‘Ulysses, Order and Myth’ em *The dial*, n. 75, 1923.

HORÁCIO. *Epístolas*. Lisboa, Cotovia, 2017.

JOYCE, J. *Ulisses*. Trad. Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Ulisses*. Trad. Bernardina da Silva Pinheiro, Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

_____. *Ulysses*. Trad. Caetano Galindo, São Paulo, Penguin e Cia das Letras, 2012.

_____. *Ulisses*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa, Relógio d’Água, 2013.

_____. *Finnegans Wake*, vols.1-5. Trad. Donald Schüler, São Paulo, Ateliê, 1999-2004.

LAÉRCIO, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasília, Ed. UnB, 2008.

LUCRÉCIO. *Sobre a Natureza das Coisas - De rerum natura*. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

PLATÃO. *A República*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1987.

